

PONTO DE VISTA

ENSINO E PESQUISA: UMA DIALÉTICA NECESSÁRIA

Alvori Ahlert¹

Resumo: *A formação de um ser humano livre e emancipado, busca de uma educação que se quer democrática, enfrenta cada vez mais complexidades face aos novos mapas culturais, humanos e tecnológicos. Daí a necessidade de se formar um cidadão com capacidade crítica, com habilidades de iniciativa e flexibilidades que lhe permitam transitar por estas complexidades. Para isso, faz-se urgente e mais profunda a necessidade de integrar cada vez mais ensino com pesquisa. Da educação básica ao ensino superior, a pesquisa necessita fazer parte integrante do processo educativo.*

Unitermos: *Ensino; Pesquisa; Emancipação.*

1. Introdução

O presente texto objetiva uma reflexão sobre a importância da pesquisa no processo educativo. Num primeiro momento fundamentamos a dialeticidade entre o ensinar e pesquisar para se construir verdadeiro conhecimento emancipador e libertador. Isto, entretanto, requer uma superação da visão dicotômica entre estas duas práticas. Por isso, no segundo ponto nos ocupamos com a necessidade da desmitificação da pesquisa. E, num terceiro momento, apontamos para a necessidade de uma visão metodológica mais flexível. Nosso esforço reflexivo fundamenta-se em Paulo Freire e Pedro Demo.

2. A relação dialética entre ensino e pesquisa

Entende-se educação como um esforço do ser humano em autoconstruir-se enquanto ser humano. É através da educação que o ser

¹ Professor Assistente do Curso de Educação Física – Unioeste.

humano se constitui num ser capaz de existir no mundo e se relacionar com este mundo e seu entorno social e natural com liberdade e autonomia responsáveis. É o fazer-se ser humano através de uma luta diária individual e coletiva pela humanização. Uma luta que, segundo FREIRE (1987, p.55), exige responsabilidade total. Uma luta que não significa apenas passar para a liberdade de comer, mas para a liberdade de criar e construir, admirar e aventurar-se.

Por isso, a prática educativa é uma prática geradora de teoria. E como geradora de teoria, demanda uma prática pesquisadora que precisa estar presente já na escola básica para fundamentar o processo do próprio fazer-se ser humano. Só assim, torna-se possível uma readequação entre teoria e prática, para construir métodos criativos e emancipatórios através da educação, superando as atitudes copiadoras, imitadoras, reprodutoras e fazedoras de provas que ainda marcam nosso processo de ensino-aprendizagem.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnoseológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’. A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja ‘promoção’ da ingenuidade não se faz automaticamente” (FREIRE, 1997, p.32-3).

3. Desmitificando a pesquisa

Isso, porém, demanda uma superação daquilo que normalmente se entende por pesquisa. Demo vê a necessidade de desmitificar a

pesquisa. Ela, historicamente, tem estado vinculada a idéia de que é função de alguns poucos iluminados, pois demanda ritos especiais dentro de uma trajetória acadêmica, de “domínio e sofisticções técnicas, sobretudo de manejo estatístico e informático” (DEMO, 1997, p.11), tornando-se função de especialistas muitas vezes distanciados da comunidade, que busca o conhecimento e que visa reconstruí-lo para se efetivar instrumento real de emancipação social. O autor não nega a necessidade de rigor e formação sofisticada para a pesquisa.

“O pesquisador ‘americano’, além de muitas vezes cair em banalização imitativa colonialista, propende a disseminar uma visão curta de processo científico, atrelado ao empirismo e ao positivismo, fazendo sucumbir apuros técnicos a ingenuidade ou a dubiedades políticas. Esta crítica foi fartamente realizada pela pesquisa participante. Facilmente acontece que investimentos em pesquisa desse teor não conseguem ir além de acumular alguns perfis estatísticos, irrelevantes no contexto histórico, o que tem contribuído para dissociar sempre mais o processo de saber do processo de mudar. O que mais se sabe é como coibir mudanças (BRANDÃO, 1982, 1984; DEMO 1984). Todavia, libertar a pesquisa do exclusivismo sofisticado não pode levá-la ao exclusivismo oposto da banalização cotidiana mágica” (idem, p.12).

Entretanto, para DEMO (1996), a desmitificação mais importante é a realização da crítica a separação incorreta que se tem feito entre ensino e pesquisa.

Esta preocupação levou o autor a escrever uma obra que refletisse a importância da pesquisa na construção do conhecimento. Ele fundamenta esta reflexão no paradigma da comunicação de Habermas.

“A aventura de construir conhecimento é tipicamente a aventura dos tempos modernos, num conluio surpreendente entre inteligência crítica e criativa humana e meios eletrônicos socializadores. Pesquisa adquire, assim, a condição de função básica do sistema educacional, em termos instrumentais, pervadindo não só as técnicas construtivas de conhecimento, mas igualmente o impulso crítico e criativo da educação emancipatória (DEMO, 1996, p.16)

DEMO entende a pesquisa como princípio científico e educativo. Como princípio científico constitui-se instrumento teórico-metodológico para construir conhecimento. Como princípio educativo se constitui um pilar importante da educação emancipatória, capaz de

conduzir educadores e educandos para um questionamento sistemático, crítico e criativo. Esse questionamento é o signo central da pesquisa. Além dele, a intervenção competente na realidade, o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático são o caminho para a pesquisa como princípio educativo. Trata-se de uma visão de realidade que leva em conta que ela é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva. Realidade não como um fenômeno dado e acabado, independente do agir humano, mas como uma construção, um produto da ação humana e de sua intrincada rede de relações (cf. DUARTE JÚNIOR, 1993, p.77-9).

Por isso, para DEMO (1997), pesquisa é uma atitude que permite ao ser humano enfrentar a complexidade do cotidiano. Por isso, todo aquele que desperta para a curiosidade e passa a fazer perguntas dá passos fundamentais para a cidadania, tornando-se uma pessoa sempre alerta, melhor informada, crítica face a realidade que a cerca e criativa. Portanto, capaz de avaliar sua condição sócio-econômica, participar do processo histórico, visualizando seu horizonte de atuação, reconstruindo suas práticas, enfim, participando decisivamente na construção da sociedade. Aqui vale lembrar o que FREIRE (1987, p.75) afirma na *Pedagogia do oprimido*, “Nenhuma ‘ordem’ opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: ‘Por quê?’” Pesquisa como dimensão educativa significa a capacidade de andar de olhos abertos para não tropeçar sobre os acontecimentos e fenômenos e nem ser atropelado por ele. Possibilita realizar uma leitura crítica da realidade e apontar novos horizontes de intervenção nessa realidade.

Trabalhar a pesquisa em sala de aula significa oportunizar aos alunos autonomia de expressão por meio de atividades lúdicas para aguçar o interesse pelas coisas, sempre perguntando, questionando, sendo curiosos, participando ativamente e de modo coletivo na programação escolar, sempre tendo em vista a sua formação como cidadão.

Já na vida acadêmica, a pesquisa significa um aprofundamento da instrumentação científica, sem perder seu sentido educativo, o que demanda elaboração própria, capacidade para teorizar as práticas através de constantes atualizações. Transforma-se a sala de aula num ambiente de trabalho conjunto onde se reconstrói e constrói conhecimentos.

Pesquisar torna-se, portanto, um esforço contínuo de aprender a pensar e aprender a aprender. Amplia-se, assim, o seu conceito, constituindo-se num processo de construção de caminhos científicos e de resultados inovadores. Isso inclui estratégias de questionamento crítico e criativo, teórico e prático.

Os gêneros da pesquisa podem ser teóricos, metodológicos, empíricos e práticos. Demo aponta cinco níveis de realização teórica e prática da pesquisa:

a) **Nível inicial:** é o nível da interpretação que apenas reproduz conhecimentos. Este é o primeiro passo da criação que permite a cópia.

b) **Segundo nível:** interpretação própria. Nesta fase diz-se com as próprias palavras o que os outros afirmaram anteriormente.

c) **Terceiro nível:** é a habilidade de reconstrução sob o signo de uma construção própria. É a capacidade de usar de autonomia para questionar o que existe e repor proposta própria.

d) **Quarto nível:** é o nível da construção. O pesquisador apropria-se daquilo que já existe usando-o como simples referência para abrir caminhos novos. Significa a constituição de um espaço próprio e produtivo no contexto dos paradigmas. Neste nível se questiona aquilo que existe, propondo novos caminhos.

e) **Quinto nível:** é o nível da criação que significa descoberta. Aqui acontece o desenvolvimento de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos. Rompe-se a fronteira do conhecimento, estabelece-se novas fronteiras, ultrapassando os limites institucionais da construção do conhecimento.

4. Maior flexibilidade metodológica

Neste contexto, a questão metodológica demanda formas de compreensão, entendimento e aplicabilidades mais flexíveis. Deve-se entender o método como um caminho ou caminhos adequados para se conseguir objetivos a que se propõe o pesquisador/educador. É uma espécie de guia teórico para o conhecimento e intervenção em uma realidade determinada. É um caminho que se vai construindo numa prática social permanente.

Por isso, método não significa uma imposição, mas uma proposição. Não é um instrumento que se possa aplicar sobre os sujeitos pesquisandos, mas um processo pelo qual esses sujeitos se apropriam do método para guiar suas ações. Neste sentido, é a realidade que nutre de conteúdo, que se coloca como material objetivo para o método, permitindo construir uma teoria concreta que possibilite entender, explicar e atuar na realidade para transformá-la.

Por isso, método é articulação entre teoria e prática. Implica num conjunto de princípios, valores éticos e numa visão de homem, de mundo, de sociedade que inspiram e orientam a prática. Esta, por sua vez, questiona e enriquece com novos aspectos a teoria que embasa a ação numa relação dialético-didática entre a teoria e prática.

Acredita-se que o método é o lugar de uma articulação sinérgica entre teoria e prática, pressupostos éticos e políticos educacionais, conteúdos e conceitos de ensino-aprendizagem com características grupais e pessoais dos sujeitos que interagem em condições de conjuntura bem concretos.

Depreende-se daí que não existe um método definitivo ou válido em si mesmo, mas que os métodos são gerados e recriados com profundos vínculos com as situações em constante mudança e nos diferentes momentos em que ocorrem a pesquisa e a aprendizagem.

Por isso, entendemos que a metodologia consiste numa reflexão sobre o caminho ou caminhos que vamos seguir e como vamos trabalhar a produção de novos conhecimentos e a reconstrução de conhecimentos armazenados na cultura da humanidade.

5. Considerações finais

Referências bibliográficas

- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 5ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- DUARTE JÚNIOR, J.F. **O que é realidade (Coleção Primeiros Passos)**. 9ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (Coleção Leitura)**. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.